

CULTURA

O século XX em

Quatro revistas anarquistas juntam-se hoje a outras publicações já digitalizadas pelo portal Revistas de Ideias e Cultura, que vem revisitando aquelas que foram as grandes montras culturais da época

Edições digitais

Luis Miguel Queirós

As duas séries d' *A Sementeira* (1908-19), a *Germinal* (1916-17), o suplemento d' *A Batalha* (1923-27) e a *Renovação* (1925-26), quatro revistas fundamentais para a história da disseminação do ideário anarquista e do desenvolvimento do movimento anarco-sindicalista português ao longo das primeiras décadas do século XX, já podem ser integralmente consultadas e pesquisadas online. É a mais recente expansão do portal Revistas de Ideias e Cultura (RIC), um ambicioso projecto dirigido por Luís Andrade e desenvolvido pelo Seminário de História das Ideias do Centro de Humanidades da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, em parceria com a Biblioteca Nacional e Fundação Mário Soares.

O objectivo, explica Luís Andrade, professor de Filosofia da Universidade Nova, é “fazer o mapeamento da cultura portuguesa do século XX e a partir da análise sistemática do conteúdo das revistas tidas por mais significativas”.

Mais do que um arquivo digital, o RIC (<http://ric.shi.pt>) é uma base de dados dotada de sofisticadas ferramentas de pesquisa e que permite ao leitor ou investigador não apenas aceder ao conteúdo integral das diferentes publicações, mas também consultá-lo a partir de uma série de critérios que podem cruzar-se numa mesma busca e que incluem índices de autores (de textos e de ilustrações), conceitos (por exemplo, anarquismo), assuntos (por exemplo, I Guerra Mundial), nomes citados (distinguindo os singulares e os colectivos), obras citadas ou nomes geográficos.

Suponhamos que o leitor está interessado em textos que abordem a I Guerra Mundial: se fizer uma pesquisa geral no portal, encontrará 2153 artigos, distribuídos por várias revistas, que incluem quer as publi-

cações anarquistas já referidas, quer outras como *A Águia*, *A Seara Nova* ou a *Atlântida*, para citar apenas algumas. Mas também pode pesquisar o mesmo assunto apenas numa revista específica, ou cruzá-lo com outros critérios. É se a Grande Guerra é um assunto de que naturalmente trataram todas as publicações da época, se procurar um tópico bastante menos óbvio, como, digamos, o háxi-xe, descobrirá que Sampaio Bruno discorreu sobre esta substância num artigo intitulado *O Tabaco... em Heródot*, publicado em 1913 n' *A Águia*.

Personagens colectivas

Subjacente a este projecto está a convicção de que as revistas desempenharam um papel central na história cultural contemporânea. “Enquanto os jornais fizeram a política, as revistas criaram a cultura com que o século passado interpretou e sentiu o mundo”, diz Luís Andrade, recordando que quase tudo o que Fernando Pessoa publicou em vida saiu nestas publicações periódicas, e que foi também nelas que António Sérgio começou por divulgar os seus ensaios. “Não só todos os grandes autores fundaram, dirigiram e escreveram em revistas”, argumenta, “como muito do seu pensamento se relaciona com a dinâmica colectiva desenvolvida nas suas páginas, quando não resulta mesmo dela”.

Não é por acaso, observa, que “falamos da geração de *Orpheu*, dos seareiros, dos presentistas ou dos católicos progressistas de *O Tempo e o Modo*”. É porque “as revistas não foram simples lugares de publicação individual, mas antes personagens colectivas que definiram sensibilidades e correntes de ideias”.

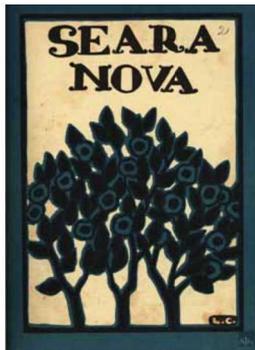
Com uma pequena equipa permanente – que inclui, além do seu coordenador, um editor executivo, um documentalista, um informático, uma analista de dados estatísticos e uma *webdesigner* –, mas contando com o auxílio de investigadores especializados para cada uma das revistas



Colagem realizada pelo portal Revistas de Ideias e Cultura para anunciar a colocação online das revistas anarco-sindicalistas *A Sementeira*, *Germinal*, suplemento d' *A Batalha* e *Renovação*

À direita, exemplos de algumas outras revistas também já digitalizadas no âmbito deste projecto

revista(s)



a publicar, a estratégia do portal tem sido a de se focar em sucessivos movimentos culturais ou ideológicos para dar prioridade às principais revistas que lhes estão associadas. Antes de se debruçar sobre as publicações anarquistas, o site já disponibilizara online as revistas relacionadas com o movimento cultural da Renascença Portuguesa, como a *Nova Silva*, *A Águia* ou *A Vida Portuguesa*, ou ainda as principais publicações associadas ao primeiro modernismo, como *Orpheu*, *Portugal Futurista*, *Siphinx*, *Exílio*, *Centaurio* e *Elis Reuil*.

E por vezes não se trata apenas de poupar aos investigadores, ou a simples curiosos, muitas horas a preencher pedidos em bibliotecas. Alguns dos números agora digitalizados e consultáveis estão em falta nas várias bibliotecas públicas. Exemplo disso mesmo é a célebre e raríssima edição 11/12 da 4.ª série de *A Águia*, de 1929, que foi apreendida ainda na tipografia porque denunciava um plágio de Gustavo Cordeiro Ramos, ministro da Instrução Pública em sucessivos governos da ditadura militar e no início do Estado Novo. “Só está representado na Biblioteca Nacional por um postal onde se informa que este número não foi posto à venda por motivos imprevisíveis”, diz Luís Andrade.

Outra façanha de monta deste portal foi a digitalização integral da *Seara Nova*, abarcando todas as suas (muito) diversas fases, desde a fundação,

“**Enquanto os jornais fizeram a política, as revistas criaram a cultura com que o século passado interpretou e sentiu o mundo**”
Luís Andrade
Director do RIC

em 1921, até 1984, num total de 1604 números, correspondentes a 31.500 páginas e a cerca de 21.500 peças de mais de três mil autores.

Para cada uma das revistas publicadas, o interessado encontra não apenas a reprodução digital de todos os números, mas também apresentações que procuram caracterizá-la e situá-la no seu contexto histórico, seções que retinem os manifestos e outros textos programáticos, uma antologia de literatura passiva sobre a publicação em causa e alguns es-

tudos integralmente reproduzidos.

Há também uma secção autónoma dedicada às polémicas, um modo de discussão pública aliás muito característico das revistas, e que só por aproximação corresponde aquilo que hoje se entende como tal na imprensa ou nas redes sociais. Luís Andrade recorda a famosa controvérsia entre António Sérgio e Pascoas, nas páginas de *A Águia*, a propósito do saudosismo, ou “a discussão entre Álvaro Cunhal e José Régio acerca do significado social da literatura”, na *Seara Nova*. Mas também nas revistas anarquistas aqui digitalizadas se encontram polémicas, designadamente as que ilustram o confronto de posições perante a Grande Guerra ou a Revolução de Outubro.

A barra de navegação inclui ainda um “*magazin*”, que joga frequentemente com “*magazine*” (revista), mas que aqui alude mais a um tipo de armazém comercial eclético, onde se vende um pouco de tudo. É nesta secção que se acumulam todos os materiais que, não pertencendo formalmente às revistas em causa, a elas estão directamente ligados, como as separatas, ou que permitem conhecer melhor a respectiva história, como a correspondência travada entre os seus fundadores, testemunhos diversos e outros documentos. No “*magazin*” da *Seara Nova* é possível encontrar, salienta Luís Andrade, “vários *dossiers* de seu

arquivo editorial, até agora inéditos”.

Obra em aberto e em constante expansão, o portal anuncia já também na sua *homepage* os vários títulos que deverão ficar disponíveis ainda este ano e que incluem a magnífica *Contemporânea*, dirigida por José Pacheco entre 1922 e 1926, com um primeiro número isolado ainda em 1915. Ilustrada por artistas como Almada Negreiros, Stuart Carvalhal, Eduardo Viana ou Dórdio Gomes, contou entre os seus colaboradores literários com Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro ou Aquilino Ribeiro.

Anarquismo e Jesus Cristo

Outra importante publicação prometida para este ano é *O Tempo e o Modo*, fundada em 1963 por um grupo de católicos progressistas como Alçada Baptista, Bénedita da Costa, Pedro Tamen ou Nuno de Bragança. Está ainda prevista a digitalização de *Alma Nacional*, uma revista republicana lançada literalmente nas vésperas da queda do monarquia, e de outras publicações do início do século XX, como *Dionysos*, dirigida em Coimbra por Araújo de Lacerda, ou *A Renascença*, de Lisboa. *Sol Nascente*, dos anos 30, ligada ao neo-realismo, e a mais recente *Raiz e Utopia*, já do pós-25 de Abril, são outros títulos previstos para 2018. E o Revista de Ideias e Cultura pretende começar a apostar também em publicações com motivações mais específicas,

como a revista feminista *Sociedade Futura*, dirigida por Ana de Castro Osório, ou *A Construção Moderna*, que considera “uma peça fundamental da cultura arquitectónica e urbana das duas primeiras décadas do século XX”.

Já a decisão de criar estes quatro novos sites agora consagrados às revistas anarquistas ficou também a dever-se ao desejo de “repor a memória de uma das correntes principais do pensamento e da intervenção social do século XX, remetida ao esquecimento de forma pouco inocente após a revolta da Marinha Grande de 18 de Janeiro de 1934”, diz Luís Andrade, numa provável alusão ao modo como o PCP veio a rescrever a história desde levantamento, que acabaria por marcar o fim da predominância do anarco-sindicalismo no movimento operário.

Mas não só os que se interessam pelo anarquismo terão bons motivos para consultar estas revistas. Uma rápida consulta aos dados estatísticos que acompanham, em secção própria, cada um destes títulos, permite verificar, por exemplo, que os apreciadores de Ferreira de Castro encontrarão aqui nada menos do que 181 artigos e peças assinadas pelo romancista, a maior parte no suplemento *‘A Batalha*, mas também na *Renovação*. E os apaixonados pela ilustração podem deliciar-se com as dezenas de trabalhos criados para as mesmas revistas por Stuart Carvalhal ou pelo notável Roberto Nobre, que acumulou as artes gráficas com a crítica de cinema.

Estes levantamentos de ocorrências estão também cheios de surpresas: quem diria, por exemplo, que o nome mais citado nas duas já referidas revistas da Confederação Geral do Trabalho é o de Jesus Cristo, ou que a obra mais citada lá é *Águia* ou a revista *Mercurio de France*? Mas estes resultados imprevisíveis, se podem ser mais ou menos anedóticos, ou ter explicações prosaicas, também “fornece(m) a informação necessária quer para testar as leituras correntemente aceites, quer para suscitar interrogações até hoje não formuladas” sobre estas revistas e movimentos, observa Luís Andrade. O que torna este portal uma ferramenta doravante indispensável para quem quer estudar temas e outros.